

TU



TU É GATA
**AMANDA
CARVALHO**

CHEIA DE ATITUDE NO
PORTO DE SANTOS

TU ENTREVISTOU
RÊ ROCHA

ELE LARGOU TUDO PARA
DIVULGAR SUA MÚSICA
NOS SEMÁFOROS

TU BEBEU
**PÁSCOA
CERVEJEIRA**

TRÊS OPÇÕES PARA
HARMONIZAR COM
CHOCOLATE

Falar *tu* está tão vinculado à cultura santista como o formato das muretas da Ponta da Praia, comer um lanche do CPÉ ou falar que tal pessoa é treze. *Tu* já faz parte do vocabulário do santista de uma forma tão característica e única, que o fato de estar gramaticalmente errada só combina mais ainda com a forma descontraída de ser dos moradores de Santos.

QUEM É TU?

Foi por isso que dois amigos, Fernando De Santis e Thiago Souto, que não nasceram em Santos, mas foram adotados por esta cidade, resolveram nomear esta revista online de TU. Uma revista em que eles podem exercer sua criatividade nas áreas em que ambos tem uma grande afinidade, a fotografia e o design, além de hobbies comuns entre os dois, como a música e viagens. E cedendo espaço a pessoas da região, para que elas possam mostrar seu trabalho e seu modo de vida, além de receber seu devido reconhecimento.

Então, esta é a TU, a revista que tem a nossa cara e esperamos que tenha a sua também, seja *tu* santista ou não. **TU**



**FERNANDO
DE SANTIS**



**THIAGO
SOUTO**

TU PELO MUNDO PÁG. 04



TU NOS OUVIDOS PÁG. 28



TU É GATA PÁG. 12



TU ENTREVISTOU PÁG. 20



TU COMEU PÁG. 30



ÍNDICE

COLABORARAM COM TU

fotos e materias
\fernando de santis
\luciana xavier
\thiago souto

assistentes de fotografia
\fernando de santis
\luana schunck
\luciana xavier
\thiago souto

diagramação
\thiago souto

revisão
\mariana tassi



O céu azul e a
Cordilheira dos
Andes parecem
uma pintura
refletida nas águas
da Laguna Cejar.

TU PELO MUNDO

SOB O CÉU DO ATAÇAMA

Pense na cor azul em seu tom mais puro. Imagine um céu ciano, como se fosse uma pintura. Imaginou? Pode ser que você tenha chegado perto do que é o céu do Deserto do Atacama, mas só vendo mesmo para entender o que é azul de verdade. A cor ganha ainda mais intensidade contrastando com os tons terrosos do solo, salpicados com pontos brancos que parecem neve, mas na verdade são afloramentos de sal. Esta é a lembrança mais marcante de nossa visita ao deserto mais alto e árido do mundo. Um deserto tão grande que abrange quatro países do nosso continente (Argentina, Bolívia, Chile e Peru).

CHEGANDO NO ATACAMA

Nós, minha esposa e eu, fomos para o Atacama em Lua de Mel. Queríamos visitar a Patagônia Chilena, mas como programamos a viagem para julho, quando está muito frio no sul do continente, pintou a possibilidade de irmos para o famoso deserto. Passamos alguns dias muito agradáveis em Santiago, a capital do Chile. Lá comemos tudo do bom e do melhor. Visitamos alguns lugares bem legais como La Chascona (que foi uma das casas de Pablo Neruda e hoje abriga um museu), os Cerros, uma das vinícolas que existem no entorno da cidade e até subimos ao famoso Vale Nevado. Mas nossas mentes estavam voltadas para a nossa estadia no deserto.

Saímos de Santiago em um voo para Calama durante a madrugada. Calama é uma cidade que foi criada para abrigar

NUNCA VIMOS UM CÉU TÃO AZUL EM NOSSAS VIDAS

os trabalhadores de uma das maiores minas de cobre do mundo. Chegamos lá ao amanhecer. Aliás, o amanhecer no Atacama demora muito para acontecer. O sol por lá só aparece próximo às 8h da manhã. E quando aparece, vem com força total, em um espetáculo de cores de brilhar os olhos.

Fomos recebidos por um carro do hotel que nós havíamos reservado e partimos em direção a cidade de São Pedro de Atacama, um oásis no meio do deserto com cerca de 3.000 habitantes. Localizada há 2.400 metros de altitude, a cidade é o ponto de encontro e partida de todo tipo de turistas, de diversas nacionalidades (mas com muitos brasileiros no meio, como qualquer lugar turístico do mundo). Mochileiros, fotógrafos, motociclistas, astrônomos, cientistas e aventureiros em geral perambulam pela cidade que reúne uma infinidade de lojinhas que vendem uma enorme gama de bugigangas e



Acima, a igreja na praça central de São Pedro do Atacama. Ao lado, o sol demorando a nascer atrás da cordilheira, na estrada entre Calama e São Pedro.

artesanatos da região, excelentes restaurantes e um grande número de hotéis, que vão do alto luxo ao “se dá para dormir, tá valendo”.

Ficamos no Awasi Atacama, um dos melhores da cidade, que oferece serviço de guias exclusivos para cada um dos chalés. Como estávamos em Lua de Mel, não queríamos passar nenhum perrengue comum das viagens de mochileiros. Por isso, optamos por nenhum momento. Nunca em nossas vidas fomos tão bem tratados (brinco que nem nossas mães nos mimariam tanto). Pois bem, não viemos falar de hotéis e sim da viagem. Lá, sentamos com nossa guia e bolamos um itinerário pensando em aliviar os efeitos da altitude, que realmente pode causar alguns desconfortos, e já saímos para um passeio.

VALE DE LA LUNA

Silêncio. Sem barulho de carros, sem falação de pessoas, sem nenhum ruído. Até pássaros não eram ouvidos. Somente o som dos nossos passos sobre as pedras de argila, gesso e sal do bellissimo Vale de La Luna. Realmente, o lugar lembra a Lua. Desolado, inabitado e silencioso. Subimos em uma duna enorme e de lá de cima contemplamos a imensidão do vale, localizado na Cordilheira de Sal, e também pudemos ver a formação que recebe o nome de Anfiteatro (pois lembra uma concha acústica). Outros pontos legais do passeio foram o Cañon de Sal e a formação rochosa Las Tres Marias, que infelizmente foi danificada por algum turista que tentou subir nela para tirar fotos. Uma prova de que há gente estúpida no mundo todo. Por isso, hoje os turistas não tem permissão para caminhar livremente pelo vale, somente dentro de áreas delimitadas. Este é um passeio tranquilo, onde a altitude não se faz tão presente e fizemos o passeio todo a pé.

O contraste do solo coberto de sal e o céu azul no Vale de La Luna. Mais abaixo, toda a imensidão das paredes arenosas e, já na Laguna Chaxa, o primeiro encontro com um flamingo.



LAGUNAS CHAXA, TEBINQUICHE E CEJAR

Na tarde do mesmo dia em que fomos ao Vale de La Luna, fizemos um passeio ao Parque Laguna Chaxa, que fica mais afastado de São Pedro e bem mais para dentro do deserto de sal. Lá a paisagem é de outro planeta. Diferente do que se vê em fotos do Salar de Uyuni, que fica na Bolívia, onde o chão é plano e forma um espelho, aqui o solo é irregular e os

e os afloramentos de sal parecem mais recifes mortos, brancos, ásperos e irregulares. Mas que não deixaram de render belas fotos, assim como a laguna com o reflexo dos Andes. Um verdadeiro espetáculo. Foi lá que avistamos os primeiros flamingos e várias outras aves bem de perto. Inclusive, um filhote de *puna plover* (uma pequena ave de lá) ficou bem perto da gente, sem se importar com a multidão de turistas.

De lá, aproveitamos e passamos no pequeno povoado de Toconao, onde tivemos uma aula

muito legal de história de nossa guia. Lá há uma igreja que, diferente do que era feito tradicionalmente pelos espanhóis, tem a torre do sino separada do resto da construção. Assim, simbolicamente, a igreja era a casa de Deus e a torre representava as montanhas. Tudo isso para mostrar aos nativos, que acreditavam que os deuses eram os vulcões e as montanhas, de que uma coisa não tinha nada a ver com a outra. Deus era uma coisa e as montanhas não tinham nada a ver com Deus. Uma lembrança triste de como aquela terra foi conquistada, com o conquistador sufocando a cultura local e impondo a sua própria filosofia.

Deixamos Toconao para trás e voltamos a São Pedro, de onde partiríamos no dia seguinte para visitar mais duas lagunas. Primeiro fomos à Laguna Tebinquiche. A caminho dela, passamos por dois enormes buracos no meio do deserto de sal. Eles são chamados de Ojos del Salar e foram feitos pela ação do homem. Cientistas estavam pesquisando o que havia debaixo do solo do salar e, ao escavarem, o solo cedeu, formando dois buracos circulares enormes que se encheram da água vinda do subterrâneo. Vistos de cima, os dois buracos lembram olhos. Daí fomos em frente até Tebinquiche e lá avistamos mais um pouco de flamingos e, sem a presença de nenhum turista, fizemos muitas fotos da laguna e do belíssimo cenário que ela formava.



Ao lado, a famosa torre da igreja de Toconao, com sua porta feita com lenha de cacto. Abaixo, flamingos na Laguna Tebenquiche com o reflexo do vulcão Licancabur. E um dos Ojos del Salar.



Na volta para São Pedro, passamos pela Laguna Cejar. Este é o point dos turistas, pois pode-se entrar em suas águas. Bom, pode-se “tentar” entrar, pois a concentração de sal é tão grande que os corpos das pessoas não afundam e elas acabam boiando. O lugar é tão bonito quanto as outras lagunas e por ser mais próximo a São Pedro, o turista tem à disposição vestiários para trocar de roupa e a opção de ir de bicicleta que, apesar de cansativa, permite um contato mais próximo como Salar do Atacama.

VALE DE LA MUERTE

Nosso próximo passeio foi o Vale de La Muerte. O nome sinistro não passa de uma mal-entendido. Tudo começou quando o padre e pesquisador belga Gustavo Le Paige, ao ver as rochas avermelhas e o terreno seco do vale, disse que lá parecia Marte, enquanto que o outro vale próximo parecia a Lua. Acontece que o espanhol do padre não era dos melhores e o povo ao invés de entender Marte, acabou ouvindo morte. E deu no que deu.

Este passeio fizemos a pé. Nosso carro nos deixou de um dos lados do vale e subimos até a beira de um cânion com uma vista de tirar o fôlego. Fomos caminhando pela beirada, com minha esposa morrendo de medo de cair lá embaixo. Bem na beirada de um dos precipícios, encontramos um círculo de pedras amontoadas. Perguntamos à guia o que era aquilo e ela nos explicou que eram guaritas que serviram para guardar a fronteira do Chile durante a guerra contra Peru e Bolívia. A guerra passou, mas a guarita continua lá, voltada ao vulcão Licancabur e à divisa com a Bolívia.



Caminhar pelas dunas é dureza, mas a vista é de tirar o fôlego do alto do Vale de La Muerte.

Ainda bem que, no final da caminhada, nossa guia Paz e o sempre sorridente Chino, nosso motorista, prepararam um lanche digno de reis.

Andamos mais um pouco até descermos por uma duna enorme, de areia fresca e muito macia. Areia esta que até hoje encontro no bolso do casaco que usei neste dia. Lá embaixo já estava nossa carona esperando com um lanchinho e uma cerveja gelada.

Este é um baita passeio. Muitas pessoas fazem sandboard nas dunas ou passeiam de cavalo ou bicicleta no vale. Por não ser um parque fechado, seu acesso é livre. Mas nossa guia disse que talvez isso mude e aconteça o mesmo que já é feito no Vale de La Luna. É chato, mas é uma maneira de preservar o lugar. E que merece ser preservado.

EL TATIO E TERMAS DE PURITAMA

O dia nem havia nascido e já estávamos de pé para este próximo passeio. Fomos visitar os gêiseres de El Tatio. Acordamos cedo, pois os gêiseres se fazem mais ativos durante as

primeiras horas do dia, quando o sol esquenta as caldeiras e o vapor sobe em colunas de até 10 metros de altura. Além disso, ver o sol nascer iluminando os Andes é uma coisa que não se pode descrever. É simplesmente lindo demais.

Já nos gêiseres, tiramos muitas fotos das diversas chaminés de vapor. Nós e um número incalculável de turistas de todas as nacionalidades. Turistas estes que não se faziam de rogados e entram nas piscinas de águas quentes, mesmo que fora delas a temperatura estivesse congelante.



VALE A PENA MADRUGAR E ENFRENTAR A ALTITUDE PARA VISITAR EL TATIO

Depois de cansar de tirar fotos, tomamos café da manhã lá mesmo. Com direito a ovo mexido e chá de coca. E para coroar o passeio, na hora de irmos embora ainda encontramos uma raposa. O único ponto ruim foi que senti bastante a altitude. Minha cabeça latejava graças aos 4.320 metros de altitude, aliados à claridade dos vapores ao sol dos Andes.

A dor só passou quando chegamos em nossa próxima parada, as Termas de Puritama. Um oásis formado por águas termais com temperaturas de até 33,5 °C. Lá a vegetação cresce bastante, mas não suficientemente alta para impedir o vento de desencorajar quem quer entrar nas águas quentes. Porém, vale a pena enfrentar o vento frio para entrar nas piscinas das termas. São várias pequenas quedas d'água formando piscinas de fundo de pedras redondas, onde você pode relaxar. Lá minha dor de cabeça foi embora com a água.



As colunas de vapor sobem a alturas assustadoras em El Tatio. Lá há vicunhas e outros animais, como esta raposa desconfiada. Acima, escondida na vegetação encontramos as Termas de Puritama com suas águas quentes.



matéria
\\ thiago souto
fotos
\\ luciana xavier
\\ thiago souto

SALAR DE TARA

Há aproximadamente 140 quilômetros de distância de São Pedro, o Salar de Tara foi nosso último destino nesta viagem. Por ser bem longe do nosso hotel, sabíamos que este passeio duraria quase o dia inteiro. Só não sabíamos o que estava nos esperando.

Subimos até 4.400 metros, passando bem ao lado dos vulcões Licancabur e Juriques. Os dois gigantes adormecidos marcam a divisa do Chile com a Bolívia e são ainda maiores quando vistos de tão perto. Seguimos nosso caminho pela estrada, que muitas vezes era atravessada por uma fina camada de neve levada pelo vento, até partirmos para o off-road.



PEDRAS GIGANTES, NEVE E TEMPESTADE DE AREIA. TUDO ISSO EM UM DIA SÓ

Acima, os vulcões Licancabur e Juriques vistos de perto. E os impressionantes Monjes de La Pacana.

Já fora da estrada fizemos uma parada nas formações rochosas Monjes de La Pacana. Pedras gigantescas que foram lançadas por um enorme vulcão milhões de anos atrás onde hoje é a Bolívia. Imaginar a força do vulcão que arremessou pedras do tamanho de prédios a quilômetros de distância deixa a gente um pouco assustados. Tiramos algumas fotos, mesmo atrapalhados pelo vento.

De lá partimos para o Salar de Tara. A ideia era chegar lá e almoçar a beira do lago de sal. O cenário é espetacular. As formações rochosas, as montanhas ao redor e a vegetação são sensacionais. Mas o vento estava tão forte que decidimos voltar. E ainda bem que voltamos, pois, no caminho para o hotel, o vento ficou ainda mais forte e virou uma tempestade de areia. A visibilidade caiu drasticamente e não via muita coisa do lado de fora do carro. E para piorar, quando chegamos próximos a São Pedro, uma surpresa! Os carabineiros, a polícia de lá, fechou a

estrada e tivemos que esperar um bom tempo até que alguém do hotel viesse em outro carro nos buscar. Os carabineiros? Pelo que sabemos apareceram depois de duas horas, liberaram a estrada para todos passarem e em seguida fecharam de novo. E nós ainda reclamamos da polícia daqui.

Apesar desse sufoco no final do passeio, ele foi muito legal e fechou com chave de ouro nossa estadia no Atacama. Fomos embora com vontade de ficar mais e com a certeza absoluta de que um dia voltaremos.

VALE A DICA

Além destes passeios, existem várias outras opções. Opte sempre por começar pelos que exigem menos do seu corpo e que tenham altitude parecida com o seu ponto de partida. Depois vá aumentando as distâncias e as altitudes para não sentir tanto o efeito do ar rarefeito. E beba sempre muita água. Sempre! Ajuda muito a amenizar a altitude e evita que você se desidrate. No mais, compre já uma passagem e vá logo visitar este lugar único no mundo. **TU**



TU É GATA

AMANDA

CARVALHO

**QUEM É
DA BAIXADA
SABE QUE
UMA COISA
QUE NÃO FALTA
NAS MULHERES
DAQUI É ATITUDE**



Uma breve conversa com a Amanda já serve para perceber que ela é uma moça batalhadora, dessas que nunca teve nada de mão beijada, que corre atrás das oportunidades, sempre exalta o lado bom da vida e dá um jeito de ajudar o próximo. Nascida em Santos e com apenas 21 anos, Amanda Carvalho está a um semestre de se formar em comércio exterior. Enquanto não recebe o aguardado diploma, trabalha como modelo em eventos. Esse negócio de ser modelo explica a paixão dela por posar em frente às câmeras fotográficas. É um dos seus passatempos – “estava sem fotos, sem nada para fazer, combinei com uma amiga de ir ao Quebra-Mar tirar umas fotos”. Tá explicado de onde veio a facilidade em frente à câmera no dia do ensaio.

Ensaio que foi adiado uma vez, devido a uma chuva que apareceu da noite pro dia, deixando a modelo mais ansiosa. Mas quando chegou a segunda data, não tivemos surpresas: o céu estava azul e o sol brilhando forte. Começamos cedo pelo Centro de Santos. Thiago Souto, além de ter sido meu auxiliar nesse ensaio, foi o nosso guia, pois conhece lugares incríveis perto do porto, que foram cenário para as fotografias. De ferro velho de barcos até a linha de trem e armazéns, fomos acompanhados da sra. Cristina, mãe e amiga da Amanda (e parece amiga mesmo, dessas de faculdade, pois é bem jovem!).









Antes de trabalhar em eventos como modelo, Amanda foi cheerleader do Santos Futebol Clube, aonde conseguia aliar outras duas paixões: a dança e o alvinegro da Vila Belmiro. Atualmente dedica parte de seu tempo e energia para ajudar ao próximo. Faz parte de dois projetos sociais, um voltado para ajudar refugiados e outro para fazer ações em asilos, orfanatos e comunidades carentes. Questionada sobre seu maior sonho, demonstra mais uma vez a vontade de ajudar ao próximo – “meu maior sonho é fazer uma viagem missionária para a África e ter uma instituição para tratar de crianças carentes em alguma comunidade no Brasil, para poder levar mais esperanças às pessoas e poder mudar vidas”.

Em relação à vida amorosa, desconversa, mas confessou que está nos planos estar bem estruturada com a família e viajar, conhecer países, não só para a evolução pessoal, mas para ajudar outras pessoas. Com esse carisma e bondade, não restam dúvidas de que não existem limites para a Amanda. **TU**

AMANDA TEM ATITUDE DE SOBRA PARA MUDAR O MUNDO



fotos
\fernando de santis
assistente de fotografia
\thiago soto
produção e maquiagem
\amanda carvalho



ELE LARGOU A
SEGURANÇA DO
COTIDIANO PARA
REALIZAR O SEU
SONHO DE VIVER
DA MÚSICA

RÊ ROCHA

Quem costuma ir e voltar do trabalho pela Av. Afonso Pena em Santos já se deparou, no cruzamento com a Av. Conselheiro Nébias, com um rapaz sempre sorridente, segurando um cartaz com os seguintes dizeres: "Estou divulgando meu CD. R\$ o quanto puder ajudar." Pode estar um baita de um sol, lá está Renan Rocha, um ex publicitário que largou tudo para seguir o seu grande sonho de ser um músico de sucesso. Ele sai todo dia de Cubatão em direção ao seu ponto de divulgação com a mochila cheia de CDs, o famoso cartaz e uma força de vontade de se admirar. Confira a história cheia de curiosidades deste cara que corre atrás do seu sonho e entenda um pouco do seu trabalho.



TU – Vamos começar, de onde surgiu a ideia de vender o CD nas ruas?

Rê Rocha – Então, cara, eu estava morando em BH ainda, né? Eu já tinha um CD lançado na internet. E eu queria me jogar de uma vez por todas na música. Já não estava mais aguentando trabalhar de segunda a sexta em uma agência e sábado e domingo me dedicar à música. Eu achei que estava faltando muito tempo ainda para eu me dedicar mais para aquilo tudo virar. É o lance de se entregar 100%. Tem que se entregar 100% para a coisa virar. Eu pensei em imprimir o CD que eu já tinha lançado na internet e, a princípio, era mais para vender para a galera mais conhecida. Aí, eu comecei a ter a ideia de começar a viver realmente disso, pagar as minhas contas vendendo CD. Aos poucos eu fui me ajustando, saí do trampo, mandei pensar os CDs e fui para a rua. Eu pensei em um lugar que tivesse um fluxo maior de pessoas. Daí pensei logo no farol, que o cara vai estar com o som ali do lado dele, vai comprar e já vai escutar. Aí a ideia foi essa.

TU – Daí você tentou ir para a avenida da praia, que acabaram mandando você embora de lá?

RR – O primeiro dia, eu fui direto para a Conselheiro (Nébias), mas não na praia. Ali no meio da Conselheiro. E foi numa sexta-feira, cara. Não tinha carro nenhum na Conselheiro. Aí, eu falei: “Tô ferrado!”. Com a bolsa cheia de CD, daí pensei que não ia dar para ficar ali. Paravam dois ou três carros no máximo no farol. Aí eu, desolado da vida, fui andando para o ponto de ônibus. Estava indo para casa. Na real, estava meio que... “Vou para casa arranjar um trampo.” (risos). Aí, eu fui subindo a Conselheiro, fui direto para o ponto de ônibus. E meu ponto fica na Afonso Pena, que é o lugar onde eu fico hoje. Quando eu cheguei na Afonso Pena, eu não acreditei. Estava fechando o cruzamento de tanto carro. Estava lotado. Tinha carro parando o outro farol de trás. Eu olhei aquilo ali, velho, e bateu uma felicidade (risos). Aí, eu abri o cartaz, era um cartaz de papelão...de

cartolina, escrito a mão. Daí eu abri o cartaz ali e imediatamente já comecei a vender CD. Bateu um ânimo. “É aqui que eu vou ficar.” Aí, eu fui ficando. Fiquei três, quatro meses ali e começou a parar um pouquinho o fluxo. Então fui procurar outros lugares e fui para a praia. Foi na praia com a Conselheiro. Daí fiquei uma semana e na outra semana o guarda me parou.

TU – E na semana que ficou lá, vendeu pra burro?

RR – Vendi. Consegui vender (risos). Só que aí uma semana depois, acho que os caras já ganharam, né, e me pararam. Falou que não podia ficar lá e que eu tinha que ir para dentro da cidade. Foi aonde eu voltei e fiquei lá. Lá na minha casinha na Afonso Pena (risos).

TU – No começo a galera apoiou? Família e amigos apoiaram ou foi tenso?

RR – Ah, cara, a família foi um baque. Foi um susto que eles tomaram porque eu larguei tudo. Larguei a faculdade, quatro anos que eu estudei. Larguei o trampo, que eu já estava na área que é, pô, um sonho de quem está estudando. Para a minha mãe, por exemplo, foi um baque. Ela não acreditou muito. Só que é o sonho que eu tenho e é uma coisa

“PARA A MINHA MÃE FOI UM BAQUE. ELA NÃO ACREDITOU MUITO. SÓ QUE É O SONHO QUE EU TENHO.”

que eu acredito muito. Se eu não acreditasse o tanto que eu acredito, eu não faria nunca isso. Mas foi um baque. Foi um baque para todo mundo. Para a minha família, meus amigos. Mas ao mesmo tempo do susto, eu senti muito apoio. Por mais que eles se sentiram com medo, eles deram muito apoio para mim. Muito apoio.

TU – E, além desse apoio da família, como foi a galera dos carros e o público em geral? A galera curte, compra, dá retorno?

RR – Cara, dá tudo isso que você falou. Tipo, a cada vinte minutos eu consigo



Vagabundo? De jeito nenhum. Rê Rocha pega um ônibus todo dia e vem de Cubatão vender seu CD nas ruas de Santos



Antes de cair de cabeça na música, Rê Rocha era redator em uma agência de publicidade.

São várias histórias. Tem momento ruim. Passa muita gente me xingando de vagabundo, comunista...

TU – Tá louco?!

RR – Sério, cara. Mandam eu trabalhar. Que eu estou perdendo tempo. Tem uma pessoa inclusive que, se eu encontrar ela na rua, eu sei quem que é. Ela passa ali todo dia. Todo dia, cara. Eu até nem olho mais para ela. Todo dia ela passa ali e me chama de vagabundo...

TU – Tá doido...

RR – Mas história legal tem várias. Tem gente que passa lá e para o carro só para me contar que a letra de tal música tem

tudo a ver com ela por causa disso, por causa daquilo. Se identificou. Eu já juntei um casal. Isso aí ninguém sabe. Eu estava vendendo CD lá e passou um cara do meu lado a pé, estava atravessando a rua. E aí ele leu o cartaz, curioso e tal. Daí ele, com um sotaque meio nordestino: “O que que é isso, rapaz? “. E não sei o que lá. Eu falei: “Pô, tô vendendo meu CD aqui, divulgando...”. Ele: “Pô, massa, cara. Sou novo aqui na cidade. Não conheço ninguém...”. Daí eu falei: “Leve meu CD aí. Eu vou tocar na sexta num bar aqui. ” Era terça, acho. “Leva o CD. Se você gostar, sexta feira eu vou tocar em um barzinho aqui em Santos. Você não conhece ninguém, cola lá que você já faz uns amigos lá. ” Ele devia ter uns 25 ou 30 anos. Então ele: “Beleza! “. Um cara bem simpático. Nesse momento, passou uma mulher de bicicleta. E ela já veio com o dinheiro na mão, falando que queria comprar o CD. E aí, eu meio que tomei um susto e ela passou de mim. Então eu fui atrás dela e o cara veio atrás também, porque ele não tinha comprado ainda. E aí, quando eu entreguei o CD para ela, ela me deu o dinheiro e aí, ele começou a puxar um assunto com ela. E acabou que ela era

vender um CD ali. Demora um pouquinho, mas a galera que compra... 95% da galera que compra o CD, volta só para falar que o som é legal. Tem gente que passa levantando o CD no carro. O carro está vindo lá no outro farol, o cara já liga no talo. Já escuto a música vindo lá debaixo (risos). Já vem buzinando.

TU – Legal para caramba.

RR – Mas rola, cara. Tem gente que não tem dinheiro no carro, sabe? E tem umas moedas de pedágio. Eles vão e me dão as moedas, mas com muita vergonha. E eu aceito muito bem, porque, pô cara, ele está querendo escutar minha música. Então...

TU – Ele vai mostrar para os outros...

RR – Exatamente. E acaba que a pessoa me dá, sei lá, um real no CD e no outro dia, ou até no mesmo dia, ela volta só para completar aquele dinheiro que ela me deu. Saca? É muito legal isso. Fora o feedback que tem, musicalmente falando. O pessoal fala bem da música, fala bem do CD. É muito louco.

TU – Legal. E teve algum momento tenso ou algum momento engraçado que você já passou no sinal?

RR – Tem, tem...nossa, eu sempre falo. Cada dia que eu vou tramar lá é uma história. Uma não!

solteira também, cara, e os dois começaram a conversar ali e marcaram de ir no meu show. Você acredita que eu vi os dois lá, tomando uma cerveja e trocando uma ideia. Cara, minha música juntou alguém (risos). Isso foi a melhor história até hoje.

“CARA, MINHA MÚSICA JUNTOU ALGUÉM! ISSO FOI A MELHOR HISTÓRIA ATÉ HOJE.”

TU – Sensacional. Mas vamos falar do seu estilo. É um reggae mais de boa e um pop rock. Uma mistura dos dois...

RR – Pois é. Eu costumo falar que eu misturo pop rock com reggae. Tem quem fala que é pop reggae, tem gente que fala que é só pop, tem gente que fala que é só reggae, tem gente que fala que é pop rock, tem gente que fala que é ska. Então, assim, eu não gosto muito de definir. Eu deixo mais para a galera pensar. Mas a minha raiz mesmo, as composições minhas vem mais da raiz do rock, do reggae e do ska também. Os três que eu mais escuto.

TU – E uma referência de banda que você curte?

RR – Cara, eu escuto muito Sublime. É uma banda lá da Califórnia, que mistura bastante ska com rock. Então, nessa pegada assim, é uma banda que eu me inspiro muito. E é, que eu considero, uma influência muito forte no meu trabalho.

TU – E aqui do Brasil, tem alguém que você curte? Que você fala: “Esse cara é da hora!”?

RR – Tem. Eu sou muito, tipo, ridícula-

mente fã, é do Skank. Principalmente os dois primeiros CDs deles. É skazeira total. Mas tem o Armandinho, que eu gosto. Não é um cara que me influencia totalmente, mas tem uma identidade dele. Mas geralmente é nessa pegada. Tem as bandas dos anos 2000 também. CPM22. Essas bandas mais puxadas para o pop rock também são legais.

TU – E suas músicas? São todas com posições suas, tudo você que fez?

RR – Tudo minha. Tudo composição minha. Inclusive, esses dois CDs que eu gravei, eu fiz 90% sozinho. Não foi nem por vaidade. Né? “Vou gravar o CD sozinho. Sou foda. Sou o Dave Grohl (risos)”. Mas é na hora de você coloca a

TU – É mesmo. E você está com um CD novo?

RR – É. É uma EP com cinco faixas e mais um bônus, que é um single que eu lancei faz tempo. Outro CD de novo, que eu trampei sozinho. É claro que tem uma produção de um grande amigo meu, lá de BH, que me ajudou a produzir o CD. Mas a composição, letras, arranjos, tudo foi de minha autoria mesmo. E está muito mais praia, muito mais Santos, muito mais Baixada Santista. Esse CD foi todo composto aqui, então ele retrata muito isso. O meu primeiro CD, eu fiz as músicas lá em Belo Horizonte, então tem muita diferença. Tem gente que não percebe, mas é bem diferente.



caneta no papel, fica muito caro. Você paga baterista, guitarrista para gravar seu CD e fica muito caro. Então, como desde de moleque eu toco vários instrumentos, eu consegui montar todas as ideias e os arranjos sozinho e meter bala sozinho. Sem precisar pagar um absurdo para todo os carinhas gravar CD para mim. As vezes nem sairia do jeito que eu quero. Então, se você quer desse jeito, faça você mesmo.

Rê Rocha divulgando seu trabalho nos semáforos de Santos. Carregando sempre seu cartaz e com um sorriso no rosto.

“ESSE PRIMEIRO CD FOI PRATICAMENTE PARA UMA PESSOA SÓ. ELA NÃO SABE, MAS FOI (RISOS).”

do CD é “Meu escritório é na praia”. Até uma homenagem para o Chorão. E também fazer esse retrato da minha vida agora, que eu estou vendendo meu CD na praia mesmo, na rua, então acaba que literalmente meu escritório é na praia.

TU – Este segundo CD você vai vender na rua também?

RR – Vou. Com certeza. A partir de abril já estarei distribuindo para a galera.

TU – E deste CD novo quanto é a tiragem dele? Do primeiro foram feitas 5 mil, certo?

RR – O primeiro foi 5 mil e esse novo, mil. A princípio, né? Depois, se rolar, eu mando fazer mais.

TU – E a capa, quem fez? Foi tu mesmo?

RR – Não. Ia ser demais (risos). Gravar o CD, cantar, tocar e fazer a capa (risos). Não. Eu era redator. Eu trampava com criação na agência, mas era redator. Então eu não manjo nada, nada. Se mandar eu abrir uma imagem no Photoshop, eu não sei, cara. Então eu terceirizei. E o primeiro CD foi a Gabriela Pinheiro que fez. É uma designer lá de Cubatão. A mina manja pra caramba. Ficou legal, uma parada meio psicodélica. Até eu não entendo aquele CD. Pessoal fala que tem um

TU – No seu primeiro CD, tem bastante referência de saudade, alguma coisa de romance à distância. Tem uma música que fala de distância...

RR – Sim, a “Estrada”. É que na verdade, esse primeiro CD foi praticamente para uma pessoa só (risos).

TU – Foi dedicado...

RR – Foi. Ela não sabe, mas foi (risos). Agora esse segundo está com uma pegada mais livre. Mais Verão. Até porque o nome



A praia de Santos é uma grande influência para o som do músico.

peito (risos). Eu falo: “Não, não fui eu que fiz.” Aí a segunda capa, foi o Danilo Bretas, também lá de Cubatão. Ele não trampa na área, infelizmente. Mas ele tem uns freelas dele, uns tramos que ele faz, fanzine... ele é muito louco. Bem street. Eu tive que podar até um pouco. Falei: “Pega na manha. É um bagulho mais pop, mais comercial.” Senão ele ia fazer umas paradas pixadas, umas paradas de muro. Aí ele foi bem no mesmo. Ele pegou uma praia lá fez um banquinho de madeira. Ficou muito louco.

TU – E o legal é que divulga uma galera de Cubatão.

RR – É então. Cubatão tem um celeiro bom com pessoas com dom artístico. Não é muito conhecido, o pessoal geral-

mente não aparece muito. Mas tem muito cara bom. Muito artista bom. E para fazer as capas, não foi diferente. Os carinhas mandaram ver.

TU – E além desse CD, tem mais algum plano de futuro?

RR – Então, tem bastante planos. Eu estou no começo da carreira. Na verdade, eu toco desde os 13 anos, mas com esse trampo mesmo estou desde de 2013. Então é um nenê ainda. Eu penso muito em gravar DVD, tocar em mais lugares possíveis no Brasil. E, falando em material, estou lançando este CD agora e para este ano ainda tenho alguns singles que eu vou soltar, com clipe. Esse CD vai ter um clipe ou dois clipes. E a ideia é tocar o barco. Vai indo. Vamos ver até onde que vai (risos).

TU – Bacana. Então é isso. Mande uma mensagem para os seus fãs, para a galera que compra o CD no sinal, para o pessoal que vende bala lá...

RR – (Risos) Pode crer. Primeiro de tudo, eu quero agradecer todo mundo que me apoia. Desde a minha família até, sei lá, a pessoa que passa na rua e manda eu continuar fazendo o que eu faço. Agradecer do fundo do coração mesmo à galera que comprou meu CD. E eu quero dizer que, se não fosse vocês, eu não teria conseguido gravar esse CD novo. Foi gravado com todo o carinho e amor. E eu sou muito grato. Um dia eu vou, é verdade...você

vai curtir essa aqui. Todo mundo que tem esse CD, que comprou comigo no semáforo, todo mundo que tiver esse CD amarelinho, de papelão, bem humilde, um dia se isso tudo aqui conseguir alcançar um patamar gigante, eu ainda quero fazer um show fechado, alguma coisa, só para quem tiver este CD. Porque vai ser uma forma clara de dizer o quanto eu sou grato por todo mundo. Não importa se foi 10 centavos ou 50 mangos, mas todo mundo que tiver esse CD amarelo vai estar sorteado. E eu quero agradecer todo mundo, minha família, meus amigos e bola para frente.

Quer conhecer mais da música de Rê Rocha? Acesse rerocha.net ou sua fanpage no Facebook ([/rerochaoficial](https://www.facebook.com/rerochaoficial)).

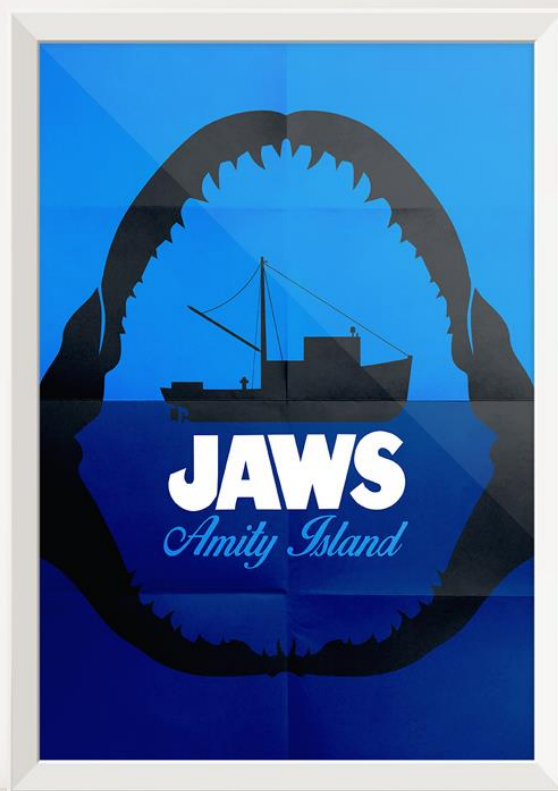


TU

Que tal
lá na sua
casa?



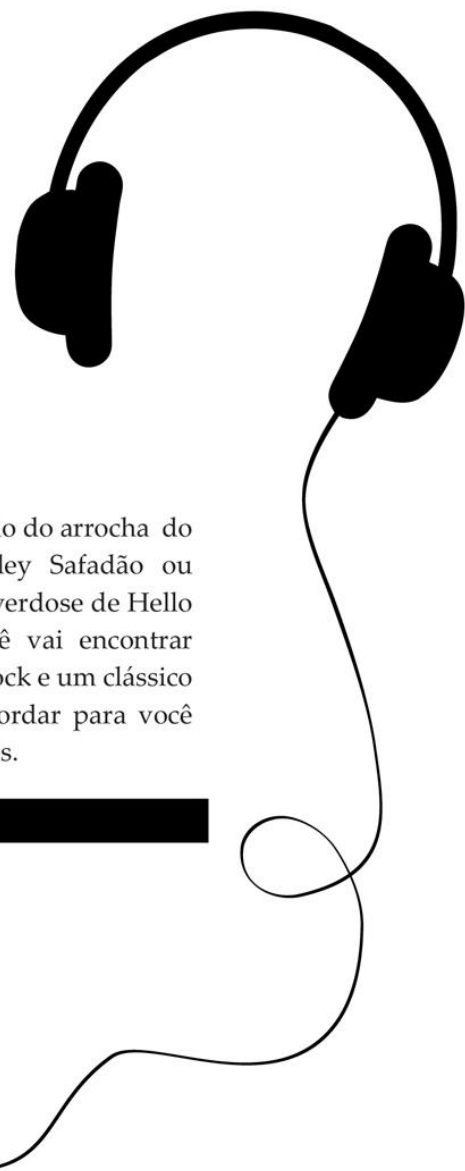
CINEMA, MÚSICA, GAME.
O melhor da cultura pop arte
na parede na sua casa.



TU NOS OUIDOS

DOIS ALBÚNS NOVOS E UM CLÁSSICO DO ROCK

Se você já está cansado do arrocha do nosso querido Wesley Safadão ou quer uma folga da overdose de Hello da Adele, aqui você vai encontrar duas novidades do rock e um clássico que vale a pena recordar para você desentupir os ouvidos.



DYSTOPIA

MEGADETH



Reza a lenda (negada por Mustaine) que após a apresentação no Rock in Rio de 1985, Pepeu Gomes foi convidado para integrar o Megadeth. Segundo a lenda, Pepeu declinou o convite, porém, 30 anos depois um brasileiro, Kiko Loureiro (Angra), assumiu uma das guitarras da banda estadunidense. Além de Kiko, nas baquetas, Chris Adler (Lamb Of God) entrou para o time. A expectativa sobre o que o Megadeth traria nesse começo de 2016 era grande e "Dystopia" não decepcionou.

Não há como negar, é thrash metal com todos os ingredientes que um fã espera: riffs poderosos, Mustaine usando seus "dois cérebros" para cantar linhas de vocais elaboradas e tocar ao mesmo tempo bases trabalhadas, a cozinha afiada e Kiko mostrando que é um dos melhores guitarristas da atualidade. As três primeiras faixas já haviam sido disponibilizadas na internet antes do

lançamento do álbum e serviram como aperitivo. Interessante o trabalho nos bumbos duplos de Alder e a voz de Dave 'enjoada', como sempre. "Bullet to the Brain" apresenta uma pegada mais cadenciada, sem deixar o peso de lado. Destaque para o trabalho de Mustaine e Kiko nos solos em dupla. "Conquer or Die!", faixa instrumental, com uma bela introdução de violão e o aguardado peso aparece lá pela metade da composição, com solos incríveis. "Lying in State" é uma paulada, a mais pesada e rápida do disco, que acaba fazendo um contra peso com "The Emperor", um hardzinho com refrão comercial. Pra fechar o disco, "Foreign Policy", cover da banda Fear.

"Dystopia" oferece aos fãs o que eles esperavam, Mustaine acertou mais uma vez com um disco que com certeza será um dos melhores do ano.



SAINT CECILIA EP

FOO FIGHTERS



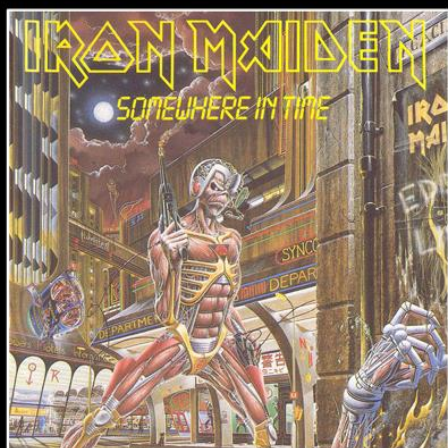
Foo Fighters se hospedou por 11 dias em um hotel em Austin ao final da turnê de "Sonic Highways" e gravou uma EP com cinco músicas inéditas. A EP foi disponibilizado para download gratuito como forma de agradecimento ao carinho dos fãs e uma forma de arrecadar doações para as vítimas dos ataques terroristas em Paris. O álbum também parece anunciar um hiato da banda, fato que fica no ar com a carta de Dave Grohl disponível no site.

O álbum em si não tem nenhum hit que você possa apostar forte que vá fazer o sucesso de algumas músicas da banda, mas se mostra até um álbum forte e consistente se levamos em consideração de como foi gravado e que a banda tem lá quase 20 anos e acabou de sair de uma turnê considerável. A primeira música,

que leva o mesmo nome da EP, tem uma levada classic rock. Já Sean é a música mais "Foo Fighters das antigas", enquanto "Savior Breath" tem uma pegada bem ao estilo Motörhead, forte e acelerada. "Iron Rooster" é a baladinha que não pode faltar nos álbuns da banda e serve para desacelerar um pouco o ritmo depois da pancada que a precede. E para fechar temos "Neverending Sigh", que a banda já vinha ensaiando lançar em outros álbuns e finalmente saiu, com uma pegada punk. Talvez a melhor do EP.

Se o álbum não é marcante, pelo menos está bem longe de ser ruim. Só esperamos que se houver mesmo um hiato, o Foo Fighters volte logo e com a mesma força de antigamente.

CLÁSSICO DA TU



SOMEWHERE IN TIME

IRON MAIDEN

LANÇAMENTO | ANO 1986

Completando 30 anos em 2016, "Somewhere in Time" foi um disco revolucionário. Eddie apareceu ao estilo Blade Runner, em uma das capas mais incríveis da história da música. Quem nunca passou horas procurando referências ao Maiden na capa e na contracapa do SIT? Se o desenho de Derek Riggs era uma obra prima, o disco não ficou atrás.

A produção impecável de Martin Birch marcou a história, com guitarras com timbre futurístico, sintetizadores de fundo e a formação clássica do Maiden no ápice de sua forma. Isso fica evidente na faixa de abertura, "Caught Somewhere in Time", logo no riff introdutório. Fácil citar os singles "Stranger in a Strange Land" ou "Wasted Years" como hits, mas quem rouba a cena são as coadjuvantes "The Loneliness of the Long Distance Runner" e "Alexander the Great". Épicas, emocionantes, com solos melódicos, Bruce em sua melhor fase

e Steve Harris martelando o baixo. Tome aula de história gratuita para os adolescentes desde os anos 80.

"Heaven Can Wait" foi das canções mais executadas ao vivo, que traz à memória dos fanáticos por Iron a invasão de palco por parte da equipe da banda, convidados e fãs, para fazer o coro no meio da música. "Deja-vu" leva a voz de Bruce às alturas e foi um dos raros momentos de composição de Dave Murray nos anos 80.

O sexto álbum de estúdio do Maiden nasceu com a intenção de ser futurista e inovador. Após 30 anos, percebemos que a proposta foi certa. Diversas bandas abraçaram a ideia e seguiram esse padrão criado pelos ingleses. Trintão, mas soando como se tivesse sido lançado ontem, SIT jamais soará ultrapassado ou retrô, sempre parecerá estar a frente de qualquer disco recém lançado de heavy metal. **TU**

TU COMEU

PARADA OBRIGATÓRIA PRA QUEM VISITA PARATY CERVEJARIA CABORÊ

Localizada próximo ao Centro Histórico de Paraty, a Cervejaria Caborê é passagem obrigatória se você for visitar a cidade. Com um ambiente muito bonito e aconchegante, você pode escolher ficar na parte interna do restaurante ou sentar nas mesas no gramado, cobertas com grandes guarda sóis. Optamos por uma mesa externa e foi uma ótima escolha para aproveitar a quente noite de Paraty.


“Caborê”, aliás, é o nome dado em tupi guarani a uma pequena coruja, que habita as redondezas do bairro. Essa simpática corujinha estampa o rótulo das três cervejas produzidas por eles.

Nosso plano era beliscar aperitivos e provar as cervejas da casa. Começamos pedindo uma porção de bolinhos de aipim com carne seca (R\$ 32,00), uma caneca grande de cerveja escura e uma caneca de cerveja pilsen. A cerveja escura me surpreendeu, muito gostosa e encorpada, combinou com o aperitivo. Mas as oito unidades dos bolinhos não deram nem para o cheiro e partimos para uma porção de batata frita (R\$ 26,50) muito bem servida e acertamos em cheio ao pedir Linguíça na Cachaça (R\$ 48,00), simplesmente deliciosa! Então provamos a cerveja de trigo, além de repetirmos a

a pilsen e a escura. O restaurante ainda oferece uma opção com copos menores para degustar as três cervejas produzidas por eles, mas fomos nos copos maiores e, com o calor que fazia naquela noite, não nos arrependemos. Para fechar, pedimos



de sobremesa uma refrescante taça de salada de frutas, que acompanha uma bola de sorvete de creme (R\$ 18,00).

Aproveitamos para comprar um kit com duas garrafas da cerveja de trigo e uma da pilsen (todas de 600ml). Mais em conta que nas lojas do Centro Histórico. Fora a falta de agilidade dos garçons comum de cidades pequenas, a cervejaria é parada obrigatória em Paraty. Esperamos visitar novamente a cidade e a cervejaria. 

fotos
\fernando de santis
assistente de fotografia
\luana schunck



Cervejaria Caborê
Av. Octávio Gama, 420 - Caborê - Paraty/RJ
Tel. (24) 3371.3071 - cervejariacabore.com.br

PÁSCOA CERVEJEIRA

A Páscoa passou e você ganhou chocolate da mãe, do pai, da namorada, da tia e até no trabalho. Agora você tem uma montanha de chocolate em casa e não sabe mais o que fazer com tanto doce. O que fazer? Harmonizar com cerveja. Afinal, cerveja e chocolate combinam sim, é só saber escolher o tipo certo. Aqui vão umas dicas.

QUEM DISSE QUE CERVEJA NÃO COMBINA COM CHOCOLATE ERROU FEIO

CHOCOLATE AO LEITE

O chocolate ao leite, por ser bastante doce, combina melhor com cervejas com menor intensidade de torrefação e com sabor mais adocicado. Cervejas dos tipos Munich Dunkel, Schwarzbiers, Belgian Dark Strong Ales e Dubbels combinam bem com este tipo de chocolate. Outros dois tipos que combinam bastante são Barley Wines, como a Brooklyn Monster Ale, e Old Ales que são envelhecidas. Estas são cervejas mais adocicadas e alcoólicas e podem combinar com um chocolate ao leite de boa qualidade.



CHOCOLATE AMARGO

Aqui você precisa de cervejas mais potententes e com sabor mais marcante. Porters e Souts combinam bem com chocolate amargo e meio amargo, mas as Imperial Stouts, como a Wäls Petroleum, que são mais alcoólicas e intensas, vão combinar melhor com o chocolate com alto teor de cacau. Além de mais fácil e prazerosa, essa combinação, por ser mais alcoólica, causa sensação de aquecimento e ajudam a derreter o chocolate na boca.



CHOCOLATE BRANCO

Nestes chocolates, mais doces e gordurosos, a harmonização se completa no paladar com as Fruit Lambics, como a Kriek Boon, que tem notas frutadas e acidez acentuada. Outra pedida é apelar para as alcoólicas e adocicadas, como Trippeel, Brown Ales e Strong Pale Ales. **TU**



TU